

# VALENTE JOHN BULL!



O que elle é, o biltre, com as nações poderosas

(Continua na ultima pagina.)

## Por ahí...

De S. Roque ao Aterro



O calor não nos convida  
Da casa ao banal encerro:  
Antes de irmos p'ra a Avenida  
Vamos nós, leitora qu'rida,  
Dar uma volta no Aterro.

Mas, tendo apurado olphato,  
—O' companheira louçã—  
Molhe o lenço e ensope o fato  
No mais fino e puro extracto  
De *New mown hay* de Houbigant.

No meu braço a mão colloque,  
Que, unidos por doce trella,  
Eu vou leval-a a reboque  
Desde o largo de S. Roque  
Té ao largo do Quintella.

Paremos. Farejo caça  
P'ra as nossas divagações.  
—Curva medida se faça.  
Que além, na frente da praça,  
Móra o Monteiro Milhões.

Perdôe-me, se sarrazino  
E alguns momentos lho roubo:  
Mas n'essa casa—oh! destino!—  
Onde hoje móra um rabino,  
D'antes, morava o Farróbo!

P'ra lá d'aquella varanda,  
—Hoje tão triste e casmurra—  
Andava o oiro em bolanda:  
Inda hoje, é certo, lá anda  
... Porém fechado na burra

Agora, veja me o largo,  
Onde o mau gosto realça:  
A palmeira—ó riso amargo!—  
Parece um rabo de pargo  
N'uma travessa de salsa!

Que é das piteiras?—Nem uma!  
Formosas plantas, que é d'ellas?  
Tudo cortado!—que em summa  
Monteiro não se acostuma  
Com verde—em frente ás janellas...

Vendo plantas, não se farta  
De as fazer em sarrabulho!  
—Maldito! que um raio o parta!—  
Não é Monteiro — é lagarta,  
Não é Milhões — é gorgulho!

Desçamos, que aperta a calma  
E a leitora não traz leque:  
Vamos a vér se isto acalma,  
Regalando o corpo e a alma  
Co' uma cerveja Scherech.

—Sente o corpo mais fresquinho?  
Tambem eu. Mas note e veja  
Que extranho vício damnhino:  
Damos p'ra fóra o bom vinho,  
Bebemos cá má cerveja!

Eis-nos no Aterro, um recreio  
P'ra as longas tardes de estio:  
Hoje, que o Tejo vem cheio,  
Sabia a nata um passeio,  
Além, p'la borda do rio...

Mas, não podemos: bem ve  
Que ali não passa ninguém...  
Que a cam'ra — excelsa mercê!  
Deixa que a rua se dê  
Como armazem de retem.

Todo o Aterro, lés-a-lés,  
É de madeira um montão!  
—Que fazer, se ha oito ou dez  
Magnatas, triumphos,—Moyses.  
Que dão a lei... na eleição?

Anda bem a cam'ra — eu gabo-a!  
Deixando entupir a rua;  
Pois Moyses grita:—Derrabo-a!  
Se me vem bulir co'a taboa,  
Mando-a n'um prompto á tabúa!

Leitora: as Ave-Marias  
Sinto tanger nos badalos;  
Mais veremos n'outros dias,  
—Que isto de andar em folias  
Não vac a mata-cavallos...

*João Sarrabulho*

### Os dois Joões

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO!!!

Veja-se o annuncio na capa.

## De raspão...



Os astrónomos estão varados d'assombro, por terem descoberto pulsações no planeta Saturno.

Este facto, em verdade anormal n'um planeta serio e regulado como aquelle, tem levado os sabios ás mais incongruentas e estranhas conclusões; dizendo uns que o planeta é simplesmente um aneurisma dilatado n'um grande vaso da circulação celeste, e opinando outros por que elle seja simplesmente um olho d'espião, que ha milhões de seculos aberto sobre o espaço, começa agora a pestanejar de thedio e de canceira. Por outro lado, quem nos diz a nós que esses formidaveis mundos que o telescópio aproxima, não sejam, em vez de massas mineraes, incandescentes ou extintctas, nem mais nem menos que uns ratõesinhos vivos, de sangue e carne como nós outros: e que esse Saturno, accusado nas partes de policia da fabula, de ter comido os filhos, não haja mudado de habitos, entretendo-se agora, depois de velho, a piscaer o olho ás *belle' peites* da abobada estrellada, a começar por Venus, a *instantané haute marque*, até á costureirinha chlorotica que dá pelo nome de Lua, nos parnasos de Lisboa e da provincia?

Por minha banda, sou incapaz de resolver problemas d'este alcance, e d'aqui os relego ao bestunto d'aquelle dramaturgo nosso, amador d'astronomia, que objectava uma vez ao director do observatorio:

— Convenhamos que a lua seja habitada. Mas nos quartos minguentes, como é que pode caber lá tanta gente?!



Não lhe saberia eu responder, como também não acho resposta a quem me perguntar a razão porque o ministerio da guerra anima as artes, ao extremo d'emprestar para a *Cadiç*, do Colyseu, não só o seu trem d'artilheria, com muares e soldados, mas também as macas do serviço de saude, as bandas militares, e até segundo li no *Diario de Noticias*, os officiaes d'estado maior.

Convenho que o exercito portuguez, não servindo para outras campanhas que não sejam da Sabuga, gaste os ocios da paz fornecendo comparsaria á opera buffa: entanto reflectamos que vez nenhuma, ou raras vezes, a munificencia do ministerio da guerra se ha mostrado assim cordeal para companhias portuguezas — sem ir mais longe, a da Trindade — ao passo que a hespanhola lhe conseguiu saccar d'uma assentada, tudo o que havia de melhor pelos nossos quartéis e arsenaes.

Approximando este facto de certos *pour-parlers* de periodistas, quanto á corrente d'iberismo que começa a engrossar em Portugal, tenho para mim que o ministerio da guerra está vendido á Hespanha, e que o seu fito, emprestado comparsaria e *mise-en-scene* para a *Cadiç*, foi revelar a hespanhões a nossa decadencia guerreira — tanto monta escrever que lhes aconselhou por uma forma indirecta, a invasão. Isto no momento em que os jornaes madrilenos rosnam contra nós ameaças fanfarronas, e precisamente quando uma *tuna* vem partilhar com as nossas peças de bronze e os nossos officiaes d'estado maior, a contingencia d'uma pateada, em pleno circo de funambulos!

Sabe o sr. ministro da guerra, o que a maledicencia publica além d'isso propala, a respeito d'esta exhaustoraçãõ do exercito, praticada por s. ex.ª, a beneficio de meia duzia d'arlequins castelhanos, sabe? Propala que o ministro da guerra portuguez tem uma paixão libidinosa pela Montes, paixão que o emprezario do Colyseu explorou, enviando-lhe a salerosa ao gabinete, com recommendação de cantar

### Cariño...

entre beijocas lascivas, emquanto s. ex.ª estivesse lendo a supplica da *troupe*. — E d'este modo lá conseguiu a ladina cantora apanhar tudo, desde a peça d'artilheria até ás mulas.

Ora, indo a seõnrita Montes do ministerio tão bem servida, o que eu não percebo foi o papel dos officiaes d'estado maior n'esta arrelia.

Os briosos militares figuram na *Cadiç*, como reserva, ou entram todas as noites em... serviço activo?



Santos de casa não fazem milagres, e é bem certo! Qualquer cagaiteira de fóra, alcança de nós tudo o que peça, e quer nól-o peça na rua, quer em gabinete reservado.

Vá agora uma artista nacional, bonita ou feia, sollicitar dos altos funcionarios apoio p'rá sua arte, e apostamos em como não ha um raio d'um conselheiro que lhe atire ao menos, com uma reles palavra de conforto!

No *Noticias* d'ante-hontem, vinha o seguinte apello melancólico...

### ACTRIZES

*«Offerecem se duas, uma ingenua e outra central, com muita pratica de fóra. Não vae uma sem a outra.»*

lamos jurar que o sr. ministro da guerra não punha ao serviço d'estas duas sympathicas pretendentes, nem uma simples cama d'ambulancia, quanto mais dois capitães d'estado maior. Poderá não são *flamencas*. E todavia, se ha aptidões scenicas coadunaveis com os grandes assumptos militares que possam inspirar um dramaturgo, em actriz nenhuma essas aptidões revestirão maior tensão dramatica, do que nas centraes. Cá p'ra meu gosto, actrizes, hotéis e revolvers, centraes!

NOBRE JOHN BULL!



Com os grandes a baixeza.



Com os pequenos a arrogancia.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
PARIS - 1889

Que esta do annuncio, esta-me a cheirar a uma pimpança d'alto lá. Porque é muito raro alliar qualidades de bom centro, á especiosa vantagem d'uma grande pratica de fóra! — Sendo o peor que o empresario haja de contractar as duas artistas, a central e a ingenua, mesmo quando não tenha necessidade senão d'uma; o que sempre faz seu transtorno, dada a frequencia da scenas (nos camarins sobretudo) que só mettem cavalheiro e uma senhora.



Registremos com jubilo a transformação que nos jornaes de Lisboa se está dando — para melhor. E' maravilhosa! Até as asneiras affectam outro ar. Por exemplo, o *Jornal da Noite*, referindo a caso d'um monomaniaco de Ciudad-Real que se agachára n'uma cova, gritando que lhe deitassem terra por cima, põe-lhe este titulo: *Um original que pede que o sucidem. O Globo*, choramingando sobre o passamento da menina Neves, informa que era *uma interessante e gentil jovem, a qual no verdor dos annos...* N'um artigo sobre Antonio Pedro, o *Illustrado* acha coincidencias entre a morte do actor, que manteve até ao fim todos os seus movimentos, e a que elle representava no *Paralytico*, concluindo que Antonio Pedro apreendera a morrer n'esta sua creação. E por ultimo o *Diario de Noticias* descreve espirituosamente como o viajor Luiz d'Araujo, que assistia n'um caffè de Paris a uma scena de socco entre rapazes, por causa d'uma *cocotte*, se virou para o creado parisiense que o servia, precompendo n'este annexim parvoñez!

—GARÇON! cada terra com seu uso, e cada rocca com seu fuso.

A usneira patria succidiu pois, como se vê; o ar mombio, e espevitou-se!

Tudo respira agora entre nós um ar ladino e prospero, mercê da sábia direcção que os negocios levam, e das fontes de receita que passam para as bolsas de nós todos, rios de libras, para desfructe dos quaes nem é preciso passar recibo.

Tudo se alarga, o commercio e as artes, a parvoçada e a sciencia; e é o tempo doirado em que os tolos são reis, e desbaratam a nostalgia publica a golpes de larcha, que pela fatuidade que reveste, passou a ter o nome d'ironia. Convenho que entre os primates do meu paiz alguns haverá menos bem comprehendidos, e nem sempre nadando no mar sterlino que dá pela barba aos ministros, aos concessionarios de caminhos de ferro, aos liquidadores de dividas do Estado, e a todos os prestimanos enfim, mais ou menos sinitros da politica e da finança.

Ha quatro dias por exemplo, tive eu noticia do governo agraciar com medalha de cobre, um barão da Costa Bugalho, que em vez de dandy e membro do *Turf*, é um simples sargento da guarda fiscal.

Pobre fidalgo! como ha-de elle lustrar o brazão dos seus antepassados (bugalhos de ouro em Costa de Caparica azul) com os proventos magrissimos do seu posto de cerbero alfandegario?!

São injustiças d'estas que fazem sombra á resfulgente idade em que vivemos. Ninguem por certo desconhece os serviços dos Costas Bugalhos a Portugal e á humanidade: por conseguinte a patria tinha obrigação de lhes galardoar melhor tanta nobreza.

Foi um Costa Bugalho o primeiro rico-homem que ousou dizer *chiça!* na presença d'um monarcha portuguez (a). E as chronicas fallam d'outros, que ensinou ás nossos a fugir, n'uma escaramuça contra os castelhanos (b). E ainda um terceiro, galante gentilhomem, nos saras da infanta D. Maria divulgou o uso dos perfumes entre pessoas de côrte, graças á dyspepsia ventosa de que fóra achacado, e que o forçava a impregnar os brocados do seu trajo com particulas d'essencias as mais raras, que para logo todos os magnates e damas adoptaram, e escreve Arurara — de que se fazia grande commercio com os Paizes Baixos.

Coser no peito da ultima vergontea de tão grandes senhores, uma medalha de cobre, além d'injustiça, é escarneo imperdoavel. D. João de Castro ainda pode empenhar as barbas por uma gallinha; mas desafio o Barão da Costa Bugalho a encontrar um preguista, que lhe dê mais d'um nataco pela medalha. E ha-de ser falso!



#### Conservatorio Real de Lisboa.

Resenha um sr. M. P. nas *Novidades* de hontem, o que decorreu d'interessante n'aquelle instituto do Estado, durante os ultimos mezes lectivos do anno.

«N'esta epocha, diz elle, deram-se apenas dois casos com alguma graça.

(a) Fernão Lopes, *Chron. de D. João I*, II, pag. 208.

(b) *Leal Conselheiro*, XLV.

Houve uma conspiração de encantadoras meninas contra o distincto professor, o sr. E. V. Wagner, que n'um só dia teve a *coragem* de addiar cinco examinandas para o proximo anno.

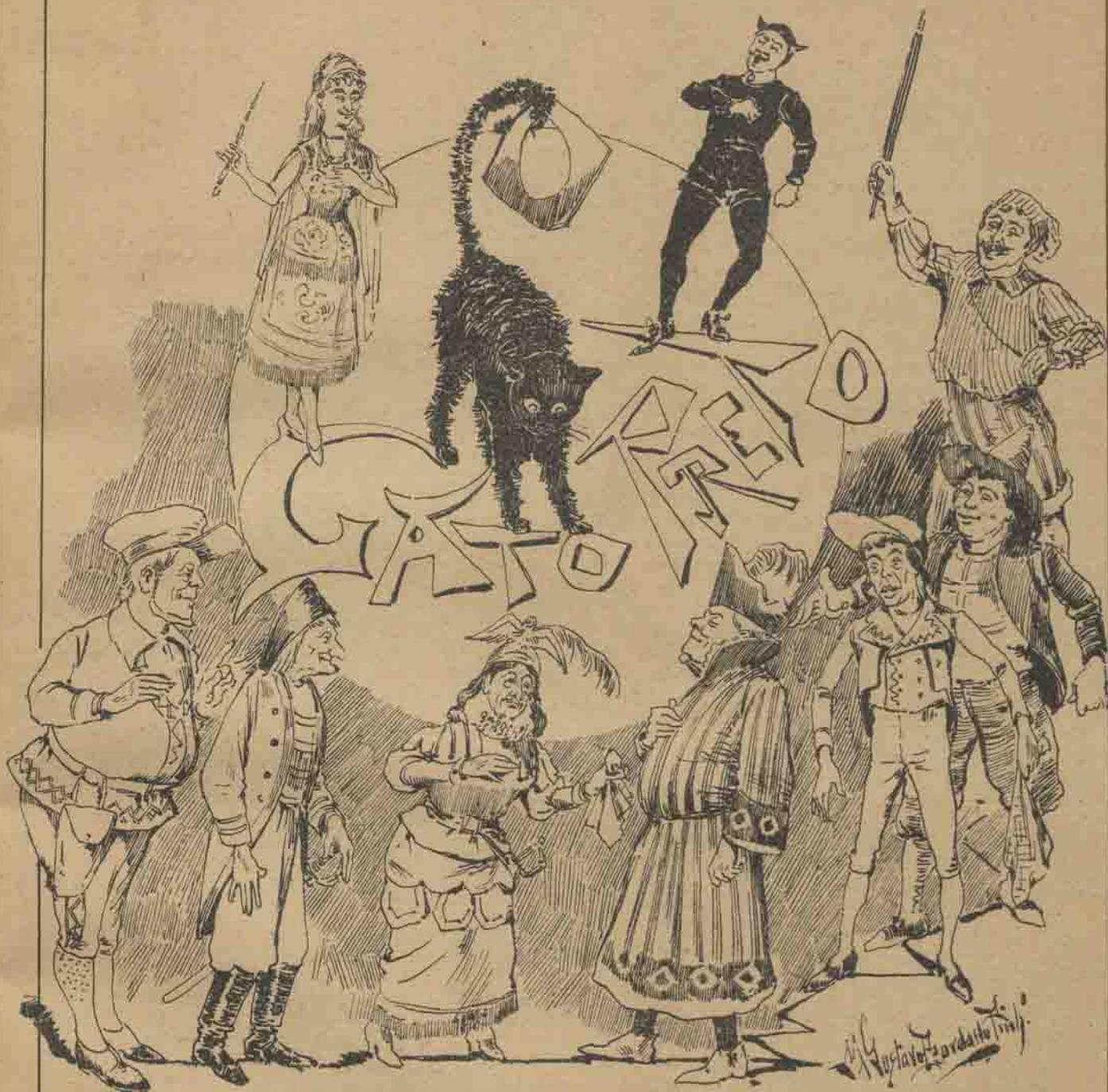
O illustre musico, com a habilidade que'o distingue, soube debellar a ira das revoltosas sem empregar meios *violentos*; antes pelo contrario, disse-lhes phrases impregnadas de ternura, e prometteu de as approvar no anno seguinte, caso namorassem menos e estudassem mais!

E um madrileno da *tuna* partiu um copo, originando-se pendencia entre aquelle e um policia, por causa de 35 réis que o copo valia.\*

Ora aqui temos nós uma Escola que foge á bisonheria do serio, improductivo de resto em estabelecimentos onde os estudantes cabuliam, e os professores não ensinam, por um cultivo de facecias capaz de hillariar um morto no seu esquife, e o sr. Vilhena Barbosa na sua farda d'academico. O que nós admiramos com o sr. M. P. realmente, é que em tão longo curso *apenas* hajam succedido dois casos chistosos, taes como a conspiração das meninas namoradeiras, e o copo partido. Mas tenhamos esperanza em que essas comediasinhas se multipliquem no futuro anno musical, caso as meninas continuem a catrapiscar, os professores a dizer-lhes ternuras, e os M. P. a escrever a chronica de todas estas *niaiserie*s.

# THEATRO DA TRINDADE

## O GATO PRETO



Já no penultimo numero dissemos palavras d'elogio, relativamente á magica apparatusa que se está representando na Trindade.

Resta-nos agora expôr alguns croquis de costumes, que podemos tirar, e acrescentar que o desempenho é bello por banda de todos os actores, Amelia Barros á frente, que nos deu uma marquezia amorosa e velha, das mais desopilantes. A magica é original do festejado Augusto Garraio, sobejamente conhecido pelo seu humor phantastica, e grande veia satyrica. Quanto á musica, é de Gazul e tanto basta!

# VILISSIMO JOHN BULL!

Depois do chicote americano.



Depois do latego russo (Knout).



Depois do azorrague allemão (Schlague).



«Aqui a schlague, e lá o Knout! Louros, victoria!»

BP  
PARIS

V. Hugo, LE PAPA.— Trad. de F. Leal